

AGRONEGÓCIO PRODUZ MAIS A PREÇOS MENORES EM 2017

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio brasileiro, calculado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), registrou queda de 2,78% de janeiro a setembro de 2017. Os segmentos da agroindústria, agrosservi-

ços e insumos recuaram 3,87%, 3,73% e 3,74%, respectivamente. Já o desempenho do segmento primário no acumulado do ano vem reduzindo progressivamente mas ainda mantém-se em alta de modestos 0,26% (Tabela 1). O desempenho mensal foi negativo para todos os segmentos. (Tabela 1).

Conforme será detalhado no presente relatório, esse cenário de baixa na renda do agronegócio reflete a queda média de preços reais dos produtos do setor.

Tabela 1. PIB do Agronegócio: Taxa de variação mensal e acumulada no período (%)

	Insumos	Primário	Agroindústria	Agrosserviços	Agronegócio
set/17	-0,61	-1,23	-0,34	-0,74	-0,75
Acumulado (jan-set/2017)	-3,74	0,26	-3,87	-3,73	-2,78

Fonte: Cepea/USP e CNA.

As Tabelas 2 e 3 apresentam os resultados mensais e acumulado do período desagregados por ramo (agrícola e pecuário). No ramo agrícola, como observado na análise agregada do agronegócio, apenas o segmento primário registrou elevação no acumulado entre janeiro e setembro (1,65%). Tal crescimento no entanto não foi suficiente para se sobre-

por às reduções verificadas nos segmentos de insumos, agroindústria e agrosserviços, resultando em baixa de 2,62% do PIB do ramo no período (Tabela 2).

O resultado positivo observado no segmento primário da agricultura decorre da maior produção prevista para o ano (14,33%, na média ponderada dos produ-

tos acompanhados), já que os preços reais seguiram em forte retração (-13,18%) na comparação de janeiro a setembro de 2017 frente ao mesmo período de 2016. Na avaliação mensal, todos os segmentos apresentaram baixas.

Tabela 2. Ramo Agrícola: Taxas de variação mensal e acumulada no período (%)

	Insumos	Primário	Agroindústria	Agrosserviços	Agronegócio
set/17	-0,25	-1,63	-0,28	-0,85	-0,84
Acumulado (jan-set/2017)	-3,23	1,65	-3,93	-4,01	-2,62

Fonte: Cepea/USP e CNA.

Já no ramo pecuário, todos os segmentos apresentaram redução em setembro e no acumulado do ano. (Tabela 3). Si-

milarmente ao ramo agrícola, os preços exerceram pressão significativa sobre os resultados. Porém, não se verifica para

este ramo o contraponto de elevação significativa em volume de produção no segmento primário.

Tabela 3. Ramo Pecuário: Taxas de variação mensal e acumulada no período (%)

	Insumos	Primário	Agroindústria	Agrosserviços	Total
set/17	-1,28	-0,39	-0,58	-0,53	-0,54
Acumulado (jan-set/2017)	-4,66	-2,42	-3,68	-3,16	-3,14

Fonte: Cepea/USP e CNA.

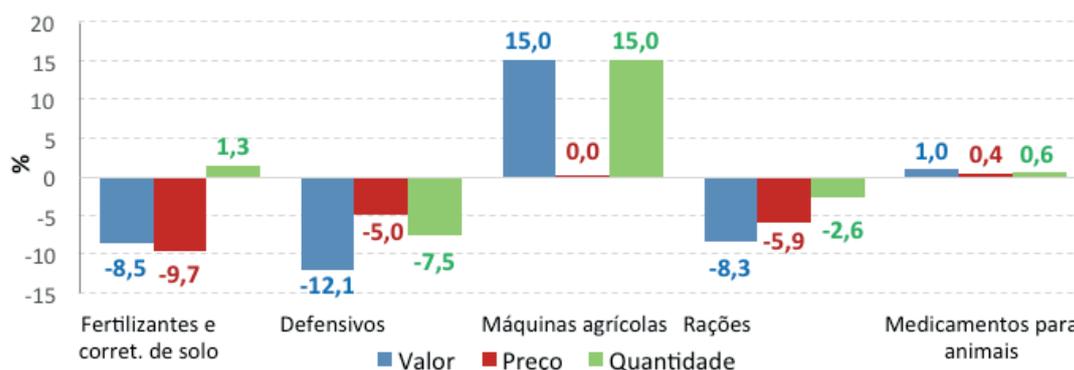
SEGMENTO DE INSUMOS: Atividade de máquinas agrícolas segue com alta produção

O segmento de insumos do agronegócio recuou 3,74% até setembro de 2017, e, entre agosto e setembro, a baixa foi de 0,61%. Consequentemente, a projeção de desempenho para todo o ano, comparativamente a 2016, segue nega-

tiva, em 4,95%¹. Dentre as indústrias do segmento de insumos acompanhadas, projeta-se crescimento significativo no faturamento para máquinas agrícolas (15,01%), leve alta em medicamentos para animais (1,01%) e queda nas de-

mais. A Figura 1 apresenta a variação anual estimada do volume, preços reais e faturamento das indústrias de insumos acompanhadas pelo Cepea para a evolução do PIB.

Figura 1. Insumos: variação (%) anual do volume, dos preços e do faturamento – 2017/2016 com preços até setembro/2017



Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, FGV, Anda e Sindirações).

Conforme dados apresentados na Figura 1, o crescimento de produção da indústria de máquinas agrícolas segue com forte alta, de 15,00%. No entanto, esse patamar de elevação tem se amenizado mensalmente desde abril. A indústria de máquinas neste ano vem se beneficiando da safra recorde no campo e da recuperação da confiança dos produtores, o que têm incentivado investimentos e, dessa forma, impulsionado a produção no período avaliado. Porém, agentes do setor ligados à indústria de máquinas agrícolas destacam que o bom desempenho que

tem sido observado em 2017 ainda é um movimento de recuperação de perdas verificadas nos anos anteriores, fato que justifica a estabilidade de preços com relação ao ano anterior.

Já na indústria de fertilizantes, os resultados têm sido pressionados por cotações mais baixas, com queda de 9,70% na comparação de janeiro a setembro de 2017 contra o mesmo período de 2016. De acordo com pesquisadores da equipe Custos Agrícolas/Cepea, a pressão nos preços reais dos principais fertilizantes

neste período esteve atrelada, principalmente, à valorização do real e à oferta elevada de fosfatados e potássicos no mercado internacional, conforme já destacado em relatórios anteriores.

Já para os defensivos, preços e produção em baixa pressionaram os resultados. Para a queda das cotações influenciaram, além da redução cambial, os altos estoques de passagem (que vêm se acumulando desde 2015), como apontado em análises anteriores.

SEGMENTO PRIMÁRIO: maior produção e preços em baixa marcam o segmento

O segmento primário do agronegócio apresentou retração em setembro (-1,23%), mas mantém alta – embora modesta, de 0,26% - no acumulado do ano. Tal avanço segue atrelado ao desempenho do segmento primário do ramo agrícola, para o qual o resultado positivo foi de 1,65% no acumulado do período, apesar da queda de -1,63% na avaliação mensal (reflexo das sucessivas quedas de preço). No ramo pecuário, por sua vez, foi registrada retração de -2,42% no segmento primário no acu-

mulado até setembro e de 0,39% no mês (Tabelas 2 e 3). No ano, a expectativa é de crescimento de 0,35% para o segmento primário do agronegócio, com alta de 2,21% para a agricultura e baixa de -3,22% para a pecuária². Estes resultados estão associados ao comportamento de preços no período, à previsão de volumes de produção e a faturamentos das culturas agrícolas e atividades pecuárias em 2017, conforme Figuras 2 e 3 e Tabela 4 (que serão apresentadas a seguir).

Como já ressaltado em relatórios anteriores, o PIB do segmento primário agrícola tem sido impulsionado ao longo de 2017 pelo forte crescimento da produção, estimado em 14,33% na média das atividades acompanhadas em 2017. Por outro lado, os preços agrícolas seguem em retração, pressionando o resultado do PIB ao longo do ano. Na comparação entre janeiro a setembro de 2017 e o mesmo período do ano anterior, a baixa real nos preços médios do segmento foi de -13,18%. De

¹ Os resultados estimados mensais e do acumulado estão na Tabela 1. Já a projeção para 2017 está na Figura 5 do Anexo I.

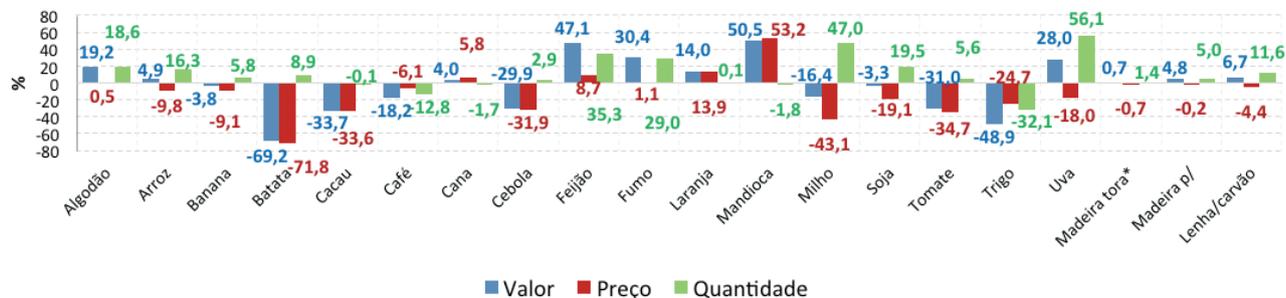
² Para as projeções anuais do segmento primário, tanto do ramo agrícola como pecuário, ver Figura 5 do Anexo I.

forma similar, para o segmento primário da pecuária, os menores preços (-6,67%, em média) têm pressionado os resultados, enquanto que a produção cresceu apenas 0,62% no ano.

Dentre as culturas do segmento primário agrícola acompanhadas pelo Cepea, espera-se crescimento do faturamento em 2017 para: algodão, arroz, cana-de-açúcar, feijão, fumo em folha, laranja, mandioca, uva, madeira em tora, madeira

para celulose e lenha e carvão. Já as culturas para as quais se espera queda no faturamento são: banana, batata, cacau, café, cebola, milho, soja, tomate e trigo – Figura 2 e Tabela 4.

Figura 2. Agricultura: Variação (%) anual do volume, dos preços e do faturamento 2017/2016 com preços de jan a set/2017



Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, FGV, Cepea, Seagri/BA, Udop).

Tabela 4. Agricultura: Variação (%) anual do volume, dos preços e do faturamento 2017/2016 com preços de jan a set/2017

Itens	Algodão em pluma	Arroz em casca	Banana	Batata	Cacau	Café beneficiado	Cana-de-açúcar	Cebola	Feijão	Fumo em folha
Valor	19,20	4,91	-3,78	-69,25	-33,70	-18,18	4,02	-29,89	47,10	30,38
Preço	0,47	-9,77	-9,09	-71,76	-33,61	-6,13	5,76	-31,90	8,74	1,06
Quantidade	18,64	16,27	5,84	8,92	-0,14	-12,84	-1,65	2,95	35,28	29,01
Itens	Laranja	Mandioca (raíz)	Milho	Soja	Tomate	Trigo em grão	Uva	Madeira tóra (exc. Cel.)	Madeira tóra - Celulose	Lenha e carvão
Valor	13,96	50,46	-16,41	-3,34	-31,03	-48,89	27,99	0,73	4,83	6,72
Preço	13,86	53,23	-43,15	-19,13	-34,69	-24,74	-18,03	-0,66	-0,16	-4,38
Quantidade	0,09	-1,81	47,03	19,53	5,60	-32,09	56,14	1,40	5,00	11,60

Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, FGV, Cepea, Seagri/BA, Udop).

Dentre as culturas com crescimento do faturamento, a cana-de-açúcar apresentou um bom resultado em virtude do aumento real dos preços, em 5,76% na comparação entre os três primeiros trimestres de 2017 e o mesmo período de 2016, sendo que a projeção da produção é de queda de 1,65% no ano. Segundo informações da Conab, apesar do leve aumento de produtividade da cultura, a redução em área de cultivo, principalmente na Região Centro-Sul, levou ao menor desempenho da produção. A Companhia ainda destacou que as condições climáticas favoreceram a operacionalização da colheita e moagem, mas, se o clima permanecer seco poderá interferir de forma negativa a produtividade final.

Já para a cultura do algodão, o resultado positivo foi sustentado por ligeira alta nos preços (0,47%) e expressivo aumento de produção (18,64%). Segundo a equipe Algodão/Cepea, em setembro, o mercado de algodão em pluma apresentou boa liquidez, mediante uma posição mais flexível por parte dos vendedores, e um aumento das negociações no mercado interno, principalmente devido às oscilações da taxa de câmbio. Consequentemente, a Conab destacou que as perspectivas positivas de mercado devem incentivar o aumento de área de cultivo nas principais regiões produtoras para a próxima temporada, notadamente no Mato Grosso e na Bahia, o que, segundo a companhia, contribuirá para o prosseguimento da elevação da produção na atividade.

No caso do feijão, a elevação no faturamento advém da estimativa de crescimento da produção para o ano (35,28%) e do aumento real dos preços na comparação entre janeiro a setembro de 2017 e o mesmo período de 2016 (8,74%). De acordo com o Instituto Brasileiro do Feijão e Pulses (IBRAFE), os produtores estão confiantes com relação ao aumento nos dos preços do produto, mesmo com a elevação da produção em diversos estados, e têm a expectativa de manutenção desta tendência para os próximos meses.

Para a cultura da laranja, o aumento no faturamento está atrelado aos maiores preços (13,86%), diante de uma expectativa de apenas leve crescimento da produção do ano (0,09%). Segundo a equipe Horti-

fruti/Cepea, os produtores já voltaram as atenções para a próxima temporada e as expectativas com relação à safra paulista de laranja 2018/19 seguem incertas, já que o clima quente e seco registrado em setembro influenciou de maneira negativa no desenvolvimento das floradas.

Entre as culturas para as quais se espera redução do faturamento, tem-se o café. Para essa cultura, verificou-se queda de 6,13% nos preços, na comparação entre os três primeiros trimestres de 2017 e de 2016. Ademais, para a produção, estimativas apontam para a retração de 12,84%. De acordo com a equipe Café/Cepea, os cafés arábica e robusta apresentaram queda nos preços em setembro. No caso do arábica, apesar do longo período de seca até meados do mês, a expectativa de retorno das chuvas acabou pressionando as cotações. No caso do robusta, as cotações foram pressionadas pela retração de compradores e pela redução das cotações externas no período (sendo essas, por sua vez, pressionadas pela proximidade da colheita no Vietnã). Segundo a Conab, a

produção continua sofrendo interferência do ano de bialidade negativa, com queda de 8,8% na produtividade em relação à safra passada.

Já em relação ao milho, a redução do faturamento resulta da queda de 43,15% nas cotações nos três primeiros trimestres (com relação ao mesmo período de 2016), enquanto a produção deve crescer 47,03% no ano. Depois de meses de reduções de preços, em setembro houve algum aumento das cotações internas do milho. Segundo a equipe Grãos/Cepea, no mês em questão, vendedores estiveram recuados a espera de melhores preços, e compradores tiveram que ceder para atrair efetivações. A expectativa de maiores preços futuros baseou-se no atraso do início dos trabalhos de campo da safra 2017/18, devido ao clima seco e quente de setembro.

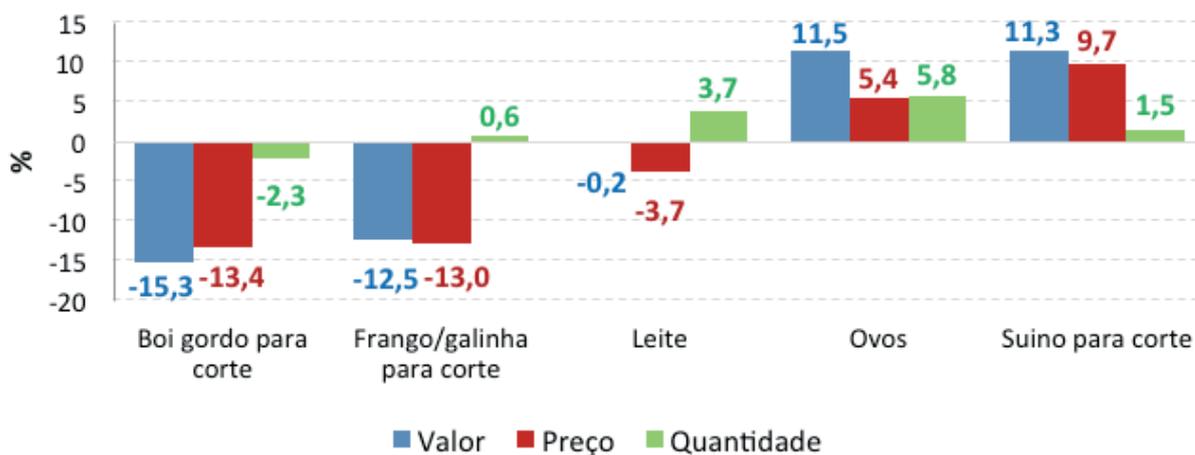
Com relação ao trigo, a redução de faturamento é resultado de quedas em preços (24,74%) e produção (32,09%). A equipe Grãos/Cepea destacou que as cotações

do trigo encerraram setembro em queda. A principal pressão sobre os preços decorreu da maior oferta do cereal recém colhido.

Na cultura da soja, a expectativa de elevação da produção para o ano é de 19,53%. Já em relação aos preços, a comparação entre períodos registrou queda de 19,13%. Assim como para o milho, no caso da soja, apesar de o patamar de preços estar em forte baixa frente ao mesmo período de 2016, houve ligeira elevação das cotações em setembro. Segundo a equipe Grãos/Cepea, o impulso veio do clima seco no mês, que gerou atrasos na semeadura da oleaginosa no Brasil, e das incertezas quanto à produtividade da safra norte-americana.

Para o segmento primário da pecuária, dentre as atividades acompanhadas, verifica-se alta no faturamento para suínos e ovos, mas baixa para leite, bovinos e frango para corte, conforme Figura 3.

Figura 3. Pecuária: Variação anual estimada do volume, dos preços e do faturamento (janeiro a setembro/2017 em comparação com janeiro a setembro/2016)



Fonte: Cepea/USP e CNA.

Na atividade leiteira, os preços recuaram em 3,7% na comparação entre os três primeiros trimestres de 2017 e o mesmo período de 2016, enquanto a produção aumentou 3,7%. De acordo com a equipe Leite/Cepea, os fatores de maior efeito sobre o recuo dos preços ainda são a demanda enfraquecida por lácteos e o maior volume de leite captado e estocado.

Para a bovinocultura de corte, a variação negativa do faturamento advém da queda nos preços (13,4%) na comparação entre períodos e da queda na estimativa de produção para o ano (2,3%). Segundo a equipe Boi/Cepea, a pecuária de corte brasileira enfrenta um cenário de incertezas desde o início do ano, devido aos reflexos da operação "Carne Fraca", o que se refletiu no baixo desempenho da atividade.

Com relação à suinocultura, registra-se alta de 9,7% dos preços na comparação entre os três primeiros trimestres (de 2017 e de 2016). Para a produção, estima-se elevação de 1,5% no ano. Segundo a equipe Suínos/Cepea, o mercado de carne suína obteve um bom desempenho em setembro, mesmo com uma demanda interna enfraquecida, com os preços sendo influenciados positivamente por uma redução de animais para abate.

SEGMENTO INDUSTRIAL: PIB agroindustrial recua novamente em setembro

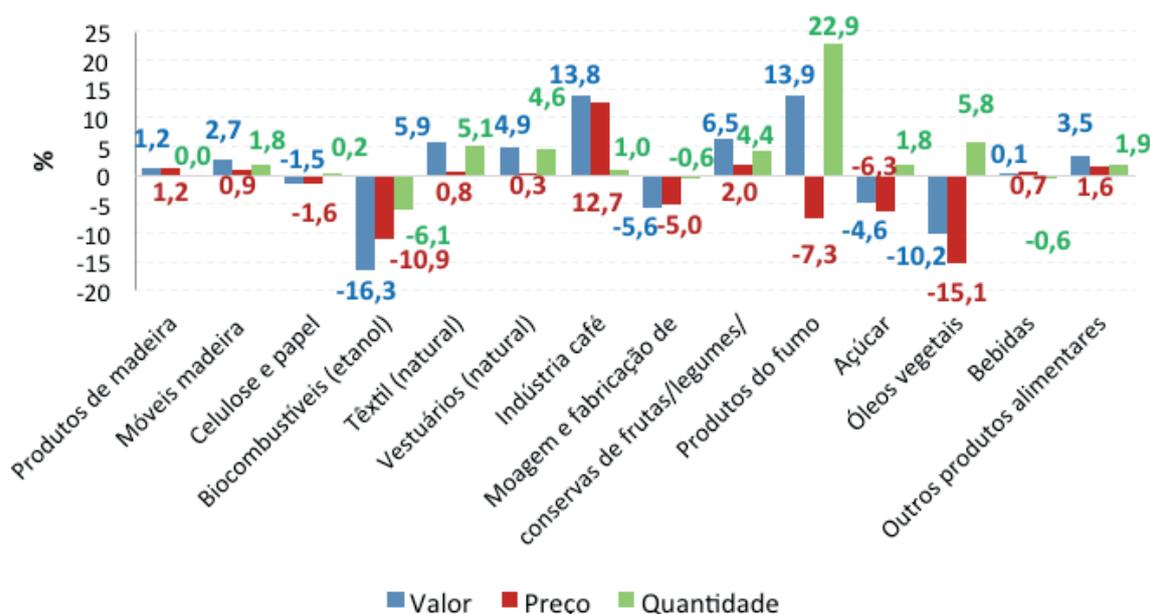
O segmento industrial voltou a apresentar retração em setembro (-0,34%). Dessa forma, no acumulado do ano, o resultado segue negativo (-3,87%, conforme Tabela 1). Tanto a indústria de base agrícola quanto pecuária apresentaram quedas no mês, de 0,28% e 0,58%, respectivamente. No acumulado de janeiro a setembro, os resultados também foram de baixa para ambos os ramos (Tabelas 2 e 3). A projeção anual permanece, portanto, negativa para a agroindústria total (-5,13%), bem como para as de bases agrícola (-5,20%) e pecuária (-4,87%).

O faturamento da indústria agrícola recuou 2,34% na comparação entre períodos, o que reflete principalmente a baixa real de 3,92% nos preços médios do segmento. Para a produção, estimou-se alta de 1,64% (para a média das indústrias acompanhadas). No caso da indústria de base animal, o recuo de 5,96% no faturamento decorre de preços 5,01% menores e do recuo de 1,00% na produção.

No acompanhamento feito pelo Cepea para a evolução do PIB, as indústrias de base agrícola que tiveram destaque, com

crescimento do faturamento, foram: produtos de madeira e móveis de madeira, têxteis e vestuário (de base natural), café, conservas de frutas e outros, fumo, bebidas e outros produtos alimentares. A projeção para as demais indústrias acompanhadas é de recuo no faturamento. O comportamento das indústrias agrícolas analisadas com dados até setembro/2017 é apresentado na Figura 4.

Figura 4. Agroindústrias de base agrícola: variação anual estimada do volume, preços reais e faturamento das indústrias agrícolas acompanhadas



Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, FGV e Cepea).

Entre as indústrias para as quais se estima baixa em 2017, destaca-se negativamente a de biocombustíveis (etanol). Nesse caso, além de preços 10,91% mais baixos, a produção deve recuar 6,08% no ano. Os preços do biocombustível recuaram com força entre janeiro e julho. De agosto em diante, ao contrário, houve aumentos. Em agosto, a forte elevação das cotações atrelou-se à vantagem do etanol hidratado frente à gasolina C nas bombas de São Paulo, segundo a equipe Etanol/Cepea. Em setembro, segundo a equipe, a demanda pelo combustível se manteve firme, e a aposta de altas futuras nos preços ajudou a elevar as cotações no mercado à vista no mês. Para a produção, segundo a Conab, a redução para o etanol ocorreu em virtude da preferência pela produção do açúcar.

Na indústria açucareira, os preços em 2017 estão 6,28% menores que os do mesmo período de 2016, e a produção anual deve aumentar 1,8%. Para esse produto, ainda que os preços tenham se mantido em patamar superior ao de 2016 ao longo dos primeiros meses do ano (ou, especificamente, até julho/17), esse valor foi sendo amenizado mensalmente diante de sucessivos recuos das cotações, até que a variação foi revertida.

Para as atividades de têxtil e vestuário de base natural, a variação de faturamento é positiva, advinda principalmente do aumento na quantidade produzida, de 5,1% e de 4,6% respectivamente. Vale mencionar, que a Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit) tem apontado que essa recuperação de produção

pode ser prejudicada até o final do ano, com um crescimento muito elevado das importações de produtos principalmente da China.

Com relação às indústrias pecuárias, os dados são apresentados na Tabela 5. É possível observar que, para todas as indústrias acompanhadas, a variação estimada do faturamento é negativa.

Na indústria do abate, o desempenho negativo do faturamento anual é resultado principalmente da queda nos preços (-4,84%). Assim como verificado no elo a montante das cadeias, os preços estão em baixa para as carnes bovina e de aves, mas em alta para a carne suína – frente aos primeiros nove meses de 2016. Para os suínos, ainda que a relação de preços

frente ao ano anterior seja de alta, as cotações desvalorizaram mensalmente ao longo do ano. Segundo a equipe Suínos/Cepea, os recuos nas exportações da carne, agravados pela operação carne fraca, foram importantes na determinação dessa queda de preços. No caso da carne de aves, segundo pesquisadores do Cepea, o setor tem apontado como desafio ao longo de 2017 a fraca demanda, tanto interna quanto externa. Seja para carne suína ou de frango, verificou-se certa recu-

peração dos preços especificamente em setembro. No caso da carne suína, levou a esse resultado uma redução da oferta de animais vivos para abate e, no caso da carne de frango, o bom desempenho das exportações ajudou a sustentar as cotações, de acordo com pesquisadores do Cepea.

No caso da indústria de lácteos, registra-se apenas ligeira queda na produção, e recuo de 6,34% nos preços – o que pres-

sionou o faturamento. Depois de registrem ótimos patamares no primeiro semestre, os preços do leite recuaram expressivamente de julho em diante. Segundo pesquisadores da equipe Leite/Cepea, a fraca demanda interna e consequente formação de estoques tem pressionado as cotações. O preço do UHT, em setembro/17, chegou ao menor valor real da série histórica do Cepea, iniciada em 2010.

Tabela 5. Variação anual estimada do volume, preços reais e faturamento das indústrias pecuárias acompanhadas

	Couro e calçados	Abate e preparação carnes e pescado	Laticínios
Valor	-2,86	-6,02	-6,72
Preço	-2,27	-4,84	-6,34
Quantidade	-0,78	-1,24	-0,40

Fonte: Cepea/USP e CNA.

SEGMENTO DE SERVIÇOS: refletindo o desempenho a montante, segmento de serviços mantém recuo no período

Como observado na Tabela 1, os agrosserviços também recuaram em setembro (-0,74%), consolidando a retração no acumulado de 2017 (-3,73%) e acompanhando o resultado de baixa dos demais segmentos do agronegócio. Esse

resultado relaciona-se tanto ao ramo pecuário, no qual o PIB dos agrosserviços recuou -3,16% no período, quanto ao agrícola, em que teve queda de -4,01%. Para o ano, projeta-se retração de -4,94% para os agrosserviços, sendo -5,31% no

ramo agrícola e -4,19% no pecuário³. Estes resultados acompanham as quedas verificadas principalmente nas atividades agroindustriais.

CONCLUSÕES

As informações referentes aos três primeiros trimestres de 2017, trazidas no presente relatório, retratam a dicotomia atual do agronegócio brasileiro.

Por um lado, a safra recorde 2016/17 refletiu-se na evolução do PIB-volume que, a preços constantes, revela crescimento anual de 0,3% no segmento de insumos, 17,2% no primário, 1% na agroindústria e 4,1% nos agrosserviços. Esses indicadores – metodologicamente comparáveis às contas nacionais divulgadas pelo IBGE – expressam a inequívoca expansão, observada em 2017, principalmente nas atividades ‘dentro da porteira’⁴.

Por outro, os preços de importantes produtos dos quatro segmentos do agronegócio têm sido adversamente afetados. Im-

portante ressaltar que apenas parte dessa queda de preços é explicada pela maior oferta doméstica, já que as commodities têm preços internacionalmente definidos, e estes também estão em níveis historicamente baixos. Um terceiro elemento que têm contribuído adversamente para a renda do produtor é a valorização da moeda brasileira frente ao Dólar. Enquanto a taxa média de câmbio nos 9 primeiros meses de 2016 (período de referência do presente relatório) foi de R\$3,50 por Dólar; no mesmo período de 2017 foi de apenas R\$3,18 por Dólar, uma perda de receita em Reais da ordem de 9,15% que, de acordo com o período de colheita e venda pode ter sido significativamente maior.

Nesse contexto, o aumento da produção não tem se traduzido em aumento de

renda ao produtor rural brasileiro. Os resultados do acumulado do ano (janeiro a setembro de 2017) apontam retração de -2,78% do PIB do Agronegócio, resultado de retrações do ramo agrícola (-2,62%) e do ramo pecuário (-3,14%). Embora o PIB do segmento primário ainda apresente um resultado positivo de 0,26% no acumulado do ano, o desempenho adverso dos demais segmentos tem sido preponderante na dinâmica de renda do agronegócio: -3,74% no segmento de insumos, -3,87% na agroindústria e -3,73% nos agrosserviços.

Similarmente, as projeções mais atuais – com dados disponíveis até setembro – apontam que o PIB do agronegócio deve encerrar o ano com retração de -3,7%, resultado da retração de -3,5% do PIB do

³ Para a projeção anual do segmento de agrosserviços, tanto do ramo agrícola como pecuário, ver Figura 5 do Anexo I.

⁴ Os dados completos do PIB-volume estão disponíveis na Tabela A⁴ – Anexo I.

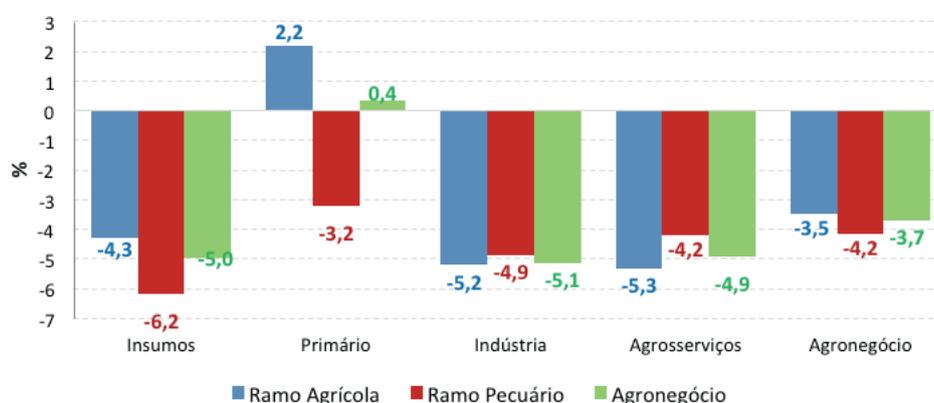
ramo agrícola e -4,2% do PIB do ramo pecuário. Em termos de segmentos, as projeções para o ano de 2017 apontam retração

do PIB de insumos (-5%), da agroindústria (-5,1%) e dos agrosserviços (-4,9%). Já para o segmento primário, projeta-se um

modesto crescimento de 0,4% dado o contraponto do recorde de oferta, apesar dos preços em queda.

ANEXO I – PROJEÇÕES ANUAIS, TABELAS DE DADOS E METODOLOGIA

A1) FIGURA 5. TAXAS (%) DE CRESCIMENTO DO PIB DO AGRONEGÓCIO 2017/16 (DADOS DE JANEIRO A SETEMBRO)



Fonte: Cepea/USP e CNA.

A2) PIB DO AGRONEGÓCIO: TAXAS DE VARIAÇÃO MENSAL, ACUMULADO DO PERÍODO E ANUAL (EM %)

AGRONEGÓCIO

Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jan/17	0,34	1,41	-0,47	-0,08	0,22
fev/17	-0,31	1,50	-1,19	-0,70	-0,22
mar/17	0,40	1,04	-0,71	-0,38	-0,06
abr/17	-0,43	0,24	-0,41	-0,17	-0,16
mai/17	-0,59	0,18	0,14	0,20	0,12
jun/17	-1,87	-0,73	-0,70	-0,90	-0,86
jul/17	-0,20	-1,20	-0,29	-0,70	-0,71
ago/17	-0,51	-0,90	0,02	-0,30	-0,38
set/17	-0,61	-1,23	-0,34	-0,74	-0,75
Acumulado (jan-set)	-3,74	0,26	-3,87	-3,73	-2,78
Variação Anual	-4,95	0,35	-5,13	-4,94	-3,68

RAMO AGRÍCOLA

Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jan/17	0,28	1,97	-0,50	0,02	0,37
fev/17	-0,35	2,24	-1,22	-0,53	0,00
mar/17	-0,32	1,67	-0,79	-0,34	0,03
abr/17	-0,71	0,61	-0,43	-0,20	-0,12
mai/17	-0,81	0,03	0,01	-0,09	-0,10
jun/17	-1,13	-1,25	-0,60	-0,94	-0,95
jul/17	0,22	-1,20	-0,26	-0,78	-0,70
ago/17	-0,21	-0,72	0,07	-0,36	-0,32
set/17	-0,25	-1,63	-0,28	-0,85	-0,84
Acumulado (jan-set)	-3,23	1,65	-3,93	-4,01	-2,62
Variação Anual	-4,29	2,21	-5,20	-5,31	-3,47

RAMO PECUÁRIO

Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jan/17	0,46	0,22	-0,37	-0,30	-0,12
fev/17	-0,25	-0,12	-1,10	-1,06	-0,75
mar/17	1,66	-0,31	-0,41	-0,45	-0,29
abr/17	0,05	-0,49	-0,32	-0,10	-0,26
mai/17	-0,19	0,63	0,62	0,78	0,64
jun/17	-3,13	0,46	-1,03	-0,82	-0,63
jul/17	-0,95	-1,16	-0,39	-0,55	-0,72
ago/17	-1,06	-1,26	-0,14	-0,17	-0,52
set/17	-1,28	-0,39	-0,58	-0,53	-0,54
Acumulado (jan-set)	-4,66	-2,42	-3,68	-3,16	-3,14
Variação Anual	-6,17	-3,22	-4,87	-4,19	-4,17

Fonte: Cepea/USP e CNA.

A3) PIB DO AGRONEGÓCIO: PARTICIPAÇÕES DOS SEGMENTOS (EM %)**AGRONEGÓCIO**

Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jan/17	0,05	0,29	0,27	0,40	1,00
fev/17	0,05	0,29	0,26	0,40	1,00
mar/17	0,05	0,29	0,26	0,40	1,00
abr/17	0,05	0,28	0,27	0,40	1,00
mai/17	0,05	0,28	0,27	0,41	1,00
jun/17	0,04	0,27	0,28	0,41	1,00
jul/17	0,04	0,27	0,28	0,41	1,00
ago/17	0,04	0,26	0,28	0,41	1,00
set/17	0,05	0,26	0,29	0,41	1,00

RAMO AGRÍCOLA

Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jan/17	0,04	0,28	0,29	0,38	1,00
fev/17	0,04	0,29	0,29	0,38	1,00
mar/17	0,04	0,29	0,29	0,38	1,00
abr/17	0,04	0,28	0,29	0,38	1,00
mai/17	0,04	0,27	0,30	0,39	1,00
jun/17	0,04	0,26	0,31	0,39	1,00
jul/17	0,04	0,26	0,31	0,39	1,00
ago/17	0,04	0,25	0,31	0,39	1,00
set/17	0,04	0,25	0,32	0,39	1,00

RAMO PECUÁRIO

Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jan/17	0,06	0,29	0,20	0,45	1,00
fev/17	0,06	0,30	0,20	0,44	1,00
mar/17	0,06	0,29	0,20	0,44	1,00
abr/17	0,06	0,29	0,21	0,45	1,00
mai/17	0,06	0,28	0,21	0,45	1,00
jun/17	0,05	0,29	0,21	0,45	1,00
jul/17	0,05	0,29	0,21	0,45	1,00
ago/17	0,05	0,28	0,21	0,46	1,00
set/17	0,05	0,28	0,21	0,46	1,00

Fonte: Cepea/USP e CNA.

A4) PIB VOLUME DO AGRONEGÓCIO: TAXA ANUAL (EM %)*

PIB Volume do Agronegócio

	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
Agronegócio	0,34	17,24	0,98	4,13	6,29
Ramo Agrícola	1,54	25,45	1,59	6,58	9,16
Ramo Pecuário	-1,86	1,46	-1,19	-0,83	-0,32

Fonte: Cepea/USP e CNA.

• Nota técnica: O PIB Volume do Agronegócio trata-se do PIB do agronegócio calculado pelo critério de preços constantes. Resulta, portanto, a variação apenas do volume de produção. Este é o indicador de PIB comparável às variações apresentadas pelo IBGE.

A5) PIB DO AGRONEGÓCIO - METODOLOGIA

O Relatório PIB do Agronegócio Brasileiro é uma publicação mensal resultante da parceria entre o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), da Esalq/USP, e a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). O

agronegócio é entendido como a soma de quatro segmentos: insumos para a agropecuária, produção agropecuária básica (ou primária), agroindústria (processamento) e agrosserviços – como na Figura que segue. A análise desse con-

junto de segmentos é feita para o ramo agrícola (vegetal) e para o pecuário (animal). Ao serem somados, com as devidas ponderações, obtém-se a análise do agronegócio.



Pelo critério metodológico do Cepea/Esalq-USP, o PIB do agronegócio é medido pela ótica do produto, ou seja, pelo Valor Adicionado (VA) total deste setor na economia. Ademais, avalia-se o VA a preços de mercado (consideram-se os impostos indiretos menos subsídios relacionados aos produtos). O PIB do agronegócio brasileiro refere-se, portanto, ao produto gerado de forma sistêmica na produção de insumos para a agropecuária, na produção primária e se estendendo por todas as demais atividades que processam e distribuem o produto ao destino final. A renda, por sua vez, se destina à remuneração dos fatores de produção (terra, capital e trabalho).

Após estimado o valor do PIB do agronegócio no ano-base, que desde janeiro/17 refere-se ao ano de 2010, parte-se para evolução deste valor de modo a se gerar uma série histórica, por meio de um amplo conjunto de indicadores de preços e produção de instituições de pesquisa e

governamentais. Seja para a estimação anual do valor do PIB, ou para as reestimativas mensais das previsões anuais, consideram-se informações a respeito da evolução do Valor Bruto da Produção (VBP) e do Consumo Intermediário (CI) dos segmentos do agronegócio. Pela evolução conjunta do VBP e do CI, estima-se o crescimento do valor adicionado pelo setor.

Com base nos procedimentos mencionados e processos adicionais realizados pelo Cepea, os cálculos do PIB do agronegócio resultam em dois indicadores principais, que retratam o comportamento do setor por diferentes óticas:

• **PIB-renda Agronegócio** (equivale ao PIB divulgado anteriormente pelo Cepea): reflete a renda real do setor, sendo consideradas no cálculo variações de volume e de preços reais, sendo estes deflacionados pelo deflator implícito do PIB nacional.

• **PIB-volume Agronegócio**: PIB do agronegócio pelo critério de preços constantes. Resulta daí a variação apenas do volume de produção. Este é o indicador de PIB comparável às variações apresentadas pelo IBGE.

Mensalmente, o foco de análise principal é o **PIB-renda Agronegócio**, que reflete a renda real do setor. **Por conveniência textual, o PIB-renda do agronegócio é denominado apenas como PIB do Agronegócio ao longo deste relatório.** Destaca-se que as taxas calculadas para cada período consideram igual período do ano anterior como base, exceto para as quantidades referentes às safras agrícolas, para as quais computa-se a previsão de safra para o ano (frente ao ano anterior).

Importante também destacar que cada relatório considera os dados disponíveis – preços observados e estimativas anuais de produção – até o seu fechamento.

Em edições futuras, ao serem agregadas informações mais atualizadas, há a possibilidade, portanto, de ocorrer alteração dos resultados, tanto no que se refere ao mês corrente, como também ao

que se refere a meses e anos passados. Recomenda-se, portanto, sempre o uso do relatório mais atualizado. Para uma análise mais detalhada dos aspectos metodológicos, bem como dos resulta-

dos dos demais indicadores (PIB volume, Consumo Intermediário, etc.) ver <http://www.cepea.esalq.usp.br/br/pib-do-agronegocio-brasileiro.aspx> 

Boletim PIB é elaborado pela Coordenação do Núcleo Econômico da Superintendência Técnica da CNA em parceria com o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq-USP).



Compromisso com o Brasil

**CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E
PECUÁRIA DO BRASIL**

SGAN - Quadra 601 - Módulo K - Brasília/DF
(61) 2109-1419 | cna.comunicacao@cna.org.br

Responsáveis técnicos:

Bruno Barcelos Lucchi/ Renato Conchon/ Paulo André Camuri



Reprodução permitida desde que citada a fonte